

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade - Memórias por escrito:
as crônicas de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus em seu centenário

**Memórias por escrito:
as crônicas de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus em seu centenário**

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade
analuizaandrade@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O presente artigo, ancorado na historiografia do tempo presente, busca entender como as memórias de ex-alunas foram escritas com vistas a dar visibilidade ao Colégio Coração de Jesus em Florianópolis, SC, durante as comemorações de aniversário dos noventa anos dessa instituição. Essas evidenciam momentos de juventude e possibilitam leituras de vidas que são expostas nas páginas do jornal *O Estado* em meio às comemorações. Desta forma as formas como as lembranças foram contadas e evidenciadas, como foram organizadas e utilizadas em momentos festivos são de interesse desta pesquisa tendo em vista as vontades de passado, de reativar lembranças de outros tempos, que este presente comemorativo demonstrou.

PALAVRAS-CHAVE: Comemorações; Tempo Presente; Memória; Colégio Coração de Jesus.

ABSTRACT: This article, grounded in the historiography of the present time, seeks to understand the ways of writing memories, practices perceived amid the centenary of the Colégio Coração de Jesus in Florianópolis, SC. These memories reveal moments of youth and allow life readings that are exposed on the pages of the newspaper *O Estado* amidst the celebrations. Thus the ways in which memories were counted and highlighted, as were organized and used in festive moments of this research are of interest in view of the wills of the past has shown that this commemorative present.

KEYWORDS: Celebrations; Present Time; Memory; Colégio Coração de Jesus.

*Written memories: the chronicles of former students of the Colégio Coração de Jesus in its
centenary*

Em 1988, o Colégio Coração de Jesus, instituição de ensino localizada em Florianópolis (SC), que recebeu em seus bancos escolares parte das classes médias e altas da cidade desde 1898, iniciou suas comemorações referentes ao seu centenário, que ocorreria dez anos depois. Tendo em vista a vasta produção de documentos escritos em meio às festividades é possível pensar nas ferramentas utilizadas para produzir tantas comemorações. As crônicas escritas por ex-alunas da escola – e divulgadas em jornal de circulação regional – são escritas que viabilizam a análise de momentos de festa, notadamente do uso das memórias em meio às comemorações.



Educar as elites e suas filhas mostrou-se como uma nova preocupação em Florianópolis a partir dos ares republicanos e, assim sendo, a história da instituição está intimamente relacionada ao processo de aburguesamento percebido em Florianópolis nos inícios da República, auxiliando ainda na formação da distinção social notadamente pela constituição de um *habitus* social relativo às elites locais. Cabe ainda ressaltar que é deste mesmo período a fundação do Colégio Catarinense, e deste modo a formação escolar passa a estar assegurada¹ para homens e mulheres das elites catarinenses no Estado de Santa Catarina. Estas ex-alunas que escreveram em congraçamento ao Colégio, como é possível perceber através da tabela que segue abaixo, frequentaram a escola principalmente na primeira metade do século XX, pertencendo então a esta vivência de aburguesamento, de construção de um *habitus social*, de uma distinção proporcionada pela instituição. Deve-se entender, portanto, esta camada social à qual pertencem boa parte das ex-alunas do Colégio (atrizes centrais desta trama de comemorações). Para Flávio Heinz, a noção de elite diz respeito “à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos².” O autor aponta ainda que os documentos úteis às produções de biografias coletivas, como no caso das narrativas em torno do Colégio, são muito mais facilmente encontrados nos estudos de grupos, como as instituições educacionais, dando visibilidade “aos nexos existentes entre posição social, origem e formação escolar³”.

Isso posto, o que se pode inferir é que suas narrativas podem ser percebidas como refúgios do eu, transformadas em refúgios dos outros, do(s) grupo(s). Os refúgios do eu, as memórias pessoais, neste caso, publicadas e narradas em forma de crônicas, servem para construir uma representação de grupo, de classe social, fomentando o forjar de identificações em torno de uma instituição de ensino. Promover representações e identificações dá sentido ao presente comemorado e é o que se pretende verificar a partir da documentação reunida para a escrita deste artigo.

De acordo com o *Dicionário Aurélio*⁴, a crônica como modalidade de escrita tem diversos significados. Pode ser referente às colunas de periódicos sobre assuntos específicos,

¹ Antes da inauguração das duas escolas, o mais comum era enviar os filhos desta classe social às instituições de ensino localizadas em São Leopoldo e Rio de Janeiro e as filhas adquiriam conhecimento escolar notadamente através de aulas particulares e raramente saíam do Estado em busca de estudo.

² HEINZ, Flávio Madureira (Org.). *Por uma outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 07.

³ HEINZ, op. cit., 2006, p. 11.

⁴ Verbete “Crônica”. Para tal, ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª edição: Curitiba, Ed. Positivo, 2010, p. 616.



uma genealogia de família nobre ou mesmo um registro de fatos em ordem cronológica. Para Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, organizadores do livro *História em Cousas Miúdas* a crônica tem “como uma de suas características primeiras a leveza⁵”. Essa modalidade de escrita é bastante específica das publicações de jornais, para ser lida ao sabor do dia-a-dia, por sua leveza, seu linguajar fácil. Talvez por isso as crônicas foram afastadas da literatura como arte, pois seu consumo é diário, é efêmero. Para a História, tal forma de escrever e proporcionar uma leitura de acontecimentos configura-se como um documento que deixa em seus escritos traços da vida do autor, suas formas de ler, pensar, agir. Para Ana Chrystina Venancio Mignot “a urdidura narrativa da crônica permite compreender que os acontecimentos passados inscrevem suas marcas no espaço físico, nas consciências individuais e na memória coletiva⁶.” O estudo destas escritas permite pensar em traços de produções de si nas formas como cronistas colocam-se no texto.

Pretende-se, aqui, estudar um conjunto de crônicas publicadas no Jornal *O Estado* em 11 de junho de 1988. Tais escritas foram produzidas e divulgadas tendo em vista as comemorações dos noventa anos do Colégio Coração de Jesus. A proposta é estudar as narrativas escritas por ex-alunas e publicadas no periódico buscando entender a construção e os usos dados às memórias pela escola neste momento comemorativo, entendendo que estas foram selecionadas pela instituição com vistas a representar uma imagem a ser divulgada, propagandeada. Neste caso, as crônicas das ex-alunas servem para narrar histórias do cotidiano escolar, agregando valor positivo ao mesmo a partir dos usos das memórias narradas.

Este conjunto de crônicas encontra-se em um informe especial do jornal *O Estado*, de circulação estadual⁷. Estar presente neste jornal - de grande circulação à época - eternizando versões da história através da escrita significou para esta escola um grande trânsito e visibilidade não só entre os cidadãos leitores do jornal, mas também de diversas esferas da sociedade, tendo em vista que a publicação de tal material possivelmente foi lida e

⁵ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em Cousas Miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p. 09.

⁶ MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Sobre coisas de outros tempos: rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na Página de Educação”. In: *História da Educação*, v. 14, n. 30, p. 81-99, Pelotas, Jan./Abr. 2010, p. 81.

⁷ O referido jornal encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Para tal, ver: Informe Especial. *O Estado*, Florianópolis, 11 jun. 1988, Caderno Informe Especial, p. 21-22.

consequentemente as histórias e memórias foram divulgadas. Por ser um espaço raramente encontrado no periódico diário, um *Informe Especial*, pode-se inferir que o informe destinado ao colégio foi comprado ou conquistado pela instituição com o intuito de publicizar seus feitos e suas versões sobre o passado em momento comemorativo. Deve-se analisar tal informe em seu conteúdo completo, afinal, mesmo que o lugar destinado às crônicas tenha recebido destaque – com o maior número de páginas, por exemplo – outras informações são encontradas, como algumas propostas da escola. Pelo que é possível notar, o intuito do Colégio é atrelar passado, presente e futuro através dos textos, trazendo o passado por meio das memórias, o presente comemorativo e suas propostas para o futuro.

Com uma capa exaltando e contando a história oficial da escola, por meio de textos e “fotos de quase um século de dedicação à cultura em SC” e da Congregação das Irmãs da Divina Providência – mantenedora da instituição – a escola apresenta uma nova proposta de ensino, em destaque: “Informática e vídeo auxiliam ensino”. Os textos contidos no informe especial destacam tais inovações, como “a tecnologia a serviço da educação” e um depoimento da Secretária de Cultura que “destaca avanços nos métodos didáticos”. Esses textos são dados a ler como o presente e o futuro da escola, em meio às modernizações que nela estão sendo implantadas, notadamente com o intuito de propagandear seus projetos presentes e horizontes desejados. Mas o maior destaque é dado ao passado, o que parece reafirmar o peso das tradições, afinal, além das crônicas é possível encontrar cartas de ex-alunas, um texto sobre a origem da congregação, fotografias da escola, bem como o hino do colégio. O enfoque no passado pode ser entendido como uma vontade de reafirmar valores e de se autopromover durante as comemorações, apresentando propostas de inovar o ensino oferecido atrelado às memórias das ex-alunas, dando a ler assim sua suposta tradição em educar, mesmo com a renovação de alguns aspectos do modelo de ensino, o que configura uma modernização consentida, adequada aos moldes já consagrados pela escola.

As narrativas das crônicas estudadas são, portanto, memórias. Estas podem ser entendidas pela sua capacidade de reunir e de construir identidades, ou como aborda Albuquerque Jr., uma memória afetiva, pois “está ligada à forma de sensibilidade social a que está preso o indivíduo⁸”, emergindo das emoções que se depositam em cada recordação. Forjando identificações através de memórias, a escola conseguiu êxito na produção de suas festas – mobilizou espaços da cidade e cidadãos para suas comemorações, mostrando-se

⁸ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de Teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 203.

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade - Memórias por escrito:
as crônicas de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus em seu centenário

visível para parte da cidade - justamente porque trouxe à tona o nível afetivo das memórias.

As questões postas sobre as memórias aqui estudadas podem ser entendidas pela forma como aborda Paul Ricoeur. Para o autor

(...) não é apenas na hipótese da polaridade entre memória individual e memória coletiva que deve entrar no campo da história, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros⁹.

Desta forma, é possível entender que as memórias pronunciadas na forma de crônicas, para além de comporem um conjunto, fazendo mediações entre memórias pessoais e coletivas, ativam os três aspectos propostos por Ricoeur: as autoras constroem suas memórias para si, pois falam de suas vidas pessoais em torno da instituição; para seus pares, os que juntos formam esta comunidade escolar, uma comunidade de sentidos, fazendo-se pertencer a este mundo; e aos outros, os que mesmo não fazendo parte daquilo que é contado nas linhas das crônicas, devem entender e apreender o que é contado. A história deve, portanto, perceber estes três níveis de atribuição da memória, as formas de contar e para quem aquelas memórias são contadas.

As identificações promovidas em meio aos textos produzidos pelas rememorações auxiliam, pois, na promoção de identificações em torno do Colégio, como se pode notar nos escritos da ex-aluna Maria de Lourdes Campos Elias: *E creio que como eu, outras tantas meninas, moças, mulheres educadas e formadas por este querido Colégio têm também, muita coisa a recordar*. Seu texto torna perceptíveis as formas de sentir-se parte de uma comunidade, de uma experiência compartilhada, como fala Ricoeur:

Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação. É assim que a fenomenologia do mundo social penetra sem dificuldades no regime de viver juntos, no qual sujeitos ativos e passivos são de imediato membros de uma comunidade ou de uma coletividade¹⁰.

A fim de entender a construção destas memórias em forma de textos, cabe nesta análise esquematizar o conjunto de crônicas em forma de tabela, para que a publicação seja melhor visualizada. Na imagem abaixo, segue uma tabela construída a partir das informações

⁹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007, p. 142.

¹⁰ RICOEUR, op. cit., 2007, p. 139.



Ana Luíza Mello Santiago de Andrade - Memórias por escrito:
as crônicas de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus em seu centenário

encontradas nas crônicas, tais como nome da autora, título do texto, assunto e período em que frequentou a escola:

| Autora | Título | Assunto | Quando Frequentou |
|---|-------------------------------|---|------------------------------------|
| Maria Olympia da Silveira Ferreira | Memórias de uma aluna interna | Retrospectiva do estudo na escola e lembranças do dia-a-dia, das atividades no Colégio. | Início em 1938 |
| Silvana Ramos Mello Santiago de Andrade | Tempo Feliz | Conta as etapas da vida escolar e o cotidiano na escola | Formanda de 1970 |
| Almira | Retalhos de Lembranças | Descreve espaços e atividades do Colégio | Não consta |
| Maria Beatriz Wildi Vinhaes de Oliveira | 90 anos | Fala sobre a forma como o Colégio viu as alunas passarem e amadurecerem, proporcionando boas lembranças | Não consta |
| Julia Cascaes Pereira | Reminiscências | Lembranças do cotidiano da vida escolar | Início em 1931 |
| Alice Gonzaga Petrelli | Crônica da ex-aluna | Exaltação ao Colégio por manter-se num mundo moderno, homenageando principalmente a Congregação | Iniciou os estudos em 1912 |
| Maria de Loures Campos Elias | Recordações... | Exaltação aos valores patrióticos e católicos | Ingresso em 1943 no curso primário |

Tabela 1: Tabela construída pela autora contendo informações retiradas das crônicas de ex-alunas veiculadas em *Informe Especial* no jornal *O Estado*.

As análises a seguir buscam perceber as construções narrativas em torno da instituição que comemora seu aniversário a partir dos traços autobiográficos presentes nas crônicas escritas pelas ex-alunas. Nelas, pode-se encontrar exaltação ao Colégio por meio de



Ana Luíza Mello Santiago de Andrade - Memórias por escrito:
as crônicas de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus em seu centenário

memórias de juventude, que evidenciam os valores católicos, a educação tradicional, as boas maneiras e polidez que, segundo elas, o Colégio foi capaz de proporcioná-las.

As memórias narradas e promovidas apresentam-se também como formas de produção de si. As lembranças de juventude aparecem nos textos de forma doce e nostálgica:

Também eram enormes o portão e a escadaria que atravessava o jardim, entre zínias, targetes e margaridas, em seus últimos coloridos de fim de verão, ou A chácara era linda, com curvas suaves, cheia de plantas sempre floridas.

Percebe-se nestas crônicas a presença da vida das ex-alunas, construídas nas poucas linhas do jornal, evidenciando a escola da infância/juventude e o que esta instituição significou para a formação – educacional e de caráter – delas, que cruzavam suas histórias pessoais com a história da escola que se buscou construir:

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas¹¹.

O que se pode perceber nestes escritos é a produção de sentidos dos momentos vividos na juventude, que são trazidos à tona na forma de boas lembranças. Deixam-se de lado os maus momentos, ou melhor, editam-se as lembranças, em geral nostálgicas.

Estudar aspectos biográficos, como no caso das crônicas das ex-alunas, permite pensar no *boom* do eu de fins do século XX. Historiadores e jornalistas debruçam-se hoje sobre tal temática, afinal, ela figura entre os livros mais vendidos, e percebe-se que a nossa sociedade busca cada vez mais a exposição do eu. Para Benito Bisso Schmidt

é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente¹².

Tenta-se, nesta modalidade de escrita de si, demonstrar uma linearidade da vida, uma estabilidade, mostra-se um modelo a ser seguido: ex-aluna da escola, bem estabelecida

¹¹ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 11.

¹² SCHMIDT, Benito. “Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos”. In: *Revista Estudos Históricos*, vol. 10, n. 19, p. 03-21, Rio de Janeiro, jul. 1997, p. 04. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>. Acesso em: 07 mar. 2012.



profissionalmente, mãe dedicada e boa amiga, que mantém ainda suas ex-colegas de infância no seu círculo social, como se pode perceber em certos excertos: “éramos alegres e despreocupadas, mas não lembro de uma só vez que tenhamos desrespeitado um professor ou desacatado uma freira.”, “tempo em que a pátria sobrevivia; tempo do hino nacional; da bandeira e do hino à bandeira”, “Quantas pessoas passaram por esse Colégio! Quanta fé atingindo corações humanos! Quanta vibração e quanta educação para que filhos dessa terra se projetassem dignamente em cargos relevantes.”. Nestas linhas, é possível perceber a relevância dada aos considerados *bons exemplos*. Nos escritos, coloca-se enfoque na postura respeitosa quanto à instituição escolar, à educação, aos valores católicos nela recebidos e aos valores patrióticos lembrados com saudosismo, dotando a vida passada de significados.

Consideramos hoje as fragmentações do indivíduo, acreditando não ser ele um ser fechado, unilateral e homogêneo. No prólogo de seu livro *Escrita de si, escrita da história*, Ângela de Castro Gomes aborda este aspecto das produções de si:

É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de certa permanência e estabilidade através do tempo¹³.

Assim, as crônicas das ex-alunas do Colégio Coração de Jesus demonstram aos leitores vidas exemplares. Como Maria Olympia da Silveira Ferreira, que inicia seu texto demonstrando seu percurso de vida:

Este artigo se deve à gentileza e à honra que me fizeram minhas colegas do Colégio Coração de Jesus. Nele fiz meus estudos secundários e os de Curso Normal. Nele ensinei. Para ele trabalhei no Rio de Janeiro, logo após deixá-lo como professora, representando-o no Ministério da Educação para obter registro de suas novas professoras e de seus novos cursos.

Estas crônicas demonstram as construções de imagens que estas ex-alunas procuraram publicizar. A partir da organização linear dos textos, dispõem-se momentos da vida escolar que são mostrados ao leitor através de suas doces lembranças, recortadas e arrumadas pelo escritor, por aquele que está dispondo estes pequenos momentos de sua vida privada ao público do jornal, ou como aborda Philippe Artières: “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas

¹³ GOMES, op. cit., 2004, p. 13.

minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros”¹⁴.

Neste sentido, a historiadora Ângela de Castro Gomes entende que se deve considerar a pessoa que escreve crônicas também como uma editora. As ex-alunas, neste caso específico, estão praticando a atividade de editar suas vidas, capturar pequenos momentos escolares, escolhendo-os e expondo-os aos leitores do jornal: “É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto”¹⁵. Assim como os diários pessoais analisados pela historiadora Maria Teresa Santos Cunha, em seu texto publicado em *O Historiador e suas fontes* (2009), as crônicas aqui estudadas dão a ler aspectos autobiográficos em seus escritos e assim

passam a ser vistos como documentos valiosos para a compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor, amizade, ressentimento, mas também marcadas pelos freios morais de determinadas épocas¹⁶.

Por meio desta modalidade de escrita, portanto, podem-se perceber traços das autoras, produções de si que, no caso das comemorações, auxiliam na construção de imagens que se pretendeu divulgar sobre o Colégio Coração de Jesus em meios aos seus festejos. Os textos das ex-alunas dizem respeito a suas vidas, tendo o Colégio Coração de Jesus como centro das narrativas. Estudar nele, para as meninas florianopolitanas¹⁷, foi durante bastante tempo sinônimo de prestígio, haja vista que esta instituição sempre foi de caráter privado, abarcando as classes urbanas médias e altas. Assim, fica evidente em suas narrativas a necessidade de se fazer pertencer ao mundo deste colégio e todo o conjunto de significados que a instituição carregou consigo. Mais ainda, os textos enaltecem a distinção social que o Colégio, para elas, foi capaz de promover.

Desde o início de suas atividades, o Colégio Coração de Jesus se propôs a educar as filhas das elites locais, em ascensão no Estado de Santa Catarina, em virtude do seu crescimento financeiro, social e político nos anos iniciais da República. Rosângela Cherem mostra que, através das diversas fontes documentais do período, pode-se “perceber uma espécie de sonho acordado, presente entre aqueles que se identificavam com o imaginário da

¹⁴ ARTIÉRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In: *Revista Estudos Históricos*, vol.11, n. 21, p. 09-34, Rio de Janeiro, 1998, p. 10. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

¹⁵ GOMES, op. cit., 2004, p. 16.

¹⁶ CUNHA, Maria Teresa Santos. “Diários Pessoais: Territórios abertos para a História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 253.

¹⁷ Até 1971, a escola era voltada apenas para mulheres.

sociedade burguesa”¹⁸. Entende-se que este cenário possibilitou a formação de uma elite específica, constituída notadamente por negociantes e funcionários públicos, mais precisamente políticos que, na busca de uma educação tida como adequada às suas filhas, encontraram o Colégio Coração de Jesus. Assim, personagens de uma parcela desta nova elite social, em fase de estabelecimento e expansão em Florianópolis, que neste momento estavam vivendo o sonho de uma República e, com ela, uma nova constituição social e política com ares de burguesia europeia, requeriam novos serviços e novas práticas nos mais variados setores da sociedade. O aburguesamento vivenciado em fins do século XIX e inícios do século XX em Florianópolis demonstra a importância de distinções de classe em tal processo, e as modificações no capital econômico, no capital cultural, nas práticas e nas subjetividades que envolvem estas novas classes perpassam a inauguração do colégio das freiras. Cabe ainda ressaltar que as ex-alunas que escreveram para o informe especial sobre o Colégio Coração de Jesus vivenciaram a escola até 1970, quando houve uma modernização do ensino lá oferecido, deixando o sistema de educação feminina para iniciar um processo de coeducação. A partir deste momento a escola passa a matricular alunos em suas turmas modificando o cotidiano escolar¹⁹.

No livro *A Sociedade dos Indivíduos*, Norbert Elias discorre sobre o conceito de *habitus*, que é a composição social do indivíduo, como os lugares comuns se constituem diferenciadamente e fazem nascer certas características específicas, de sociedades e dos indivíduos que nelas vivem entre si; este *habitus* vai condicionar uma *hexis corporal*. Desta forma, indivíduos que compartilham de uma mesma linguagem compartilham também um mesmo *habitus* social:

Dessa forma, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social (...). O conceito de *habitus* social permite-nos introduzir os fenômenos sociais do campo da investigação científica, que antes lhe era inacessível²⁰.

¹⁸ CHEREM, Rosângela Miranda. “Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina”. In: BRANCHER, Ana. AREND, Sílvia Maria Fávero (Orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001, p. 298.

¹⁹ ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago. *Entre saias de pregas e calças compridas: a co-educação no Colégio Coração de Jesus (1971-1978)*. 2010. TCC (Graduação em História), UDESC, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000F/000000FB8.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

²⁰ ELIAS, Norbert. *Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p.64.



Pode-se perceber que, entre as alunas do Colégio Coração de Jesus, houve a formação de um *habitus* social referente às elites catarinenses e que dentro da escola este *habitus* foi compartilhado, pois no meio escolar há a troca e a construção de uma linguagem comum, onde os indivíduos que dela se apropriam, constroem identificações coletivas, particulares ao seu grupo.

Os estudos aqui empreendidos para análise das comemorações referentes ao Colégio Coração de Jesus a partir dos escritos de algumas de suas ex-alunas, em forma de produções de si, de edições da vida, possibilitam pensar nos refúgios do eu presentes nos traços desses escritos. As crônicas aqui estudadas podem ser entendidas pela perspectiva das autoras do livro *Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica*, que afirmam que “desde o século XIX, mulheres brasileiras que tiveram acesso à alfabetização tentaram refletir sobre a própria vida rompendo o silêncio sobre o mundo”²¹. Esses pedaços de refúgios do eu, publicados em páginas de jornal, são também refúgios dos outros, afinal, em suas escritas é possível perceber a necessidade de construir identificações em torno da escola, das experiências partilhadas. Promover estas identificações auxiliou a escola a comemorar seu aniversário, afinal, ao reunir ex-alunas pelas memórias e lembranças dispostas, o Colégio fez com que parte da comunidade escolar viesse a público para agregar valores positivos à escola.

A instituição buscou no passado, no uso da memória, a definição do seu lugar na sociedade florianopolitana, reafirmando determinada tradição em educar e valores que acreditam ter transmitido, valores estes que parecem sofrer mudanças de acordo com as modernizações e as novas propostas para educação oferecidas pela escola. Assim, reafirmava-se seu lugar de destaque, agregando valor positivo à educação promovida pela instituição, para que ela tivesse o aval para modernizar, para mudar.

O informe especial, além das crônicas das ex-alunas, trazia textos referentes às novas propostas que o Colégio propunha em seu aniversário de 90 anos, as inovações tecnológicas, como salas de vídeo e informática, que representavam um novo tempo para educação. Era preciso, portanto, evidenciar a tradição para se mostrar capaz e responsável para inovar. São anúncios dos *horizontes de expectativa*²² da escola para a virada de século que estava por vir, em meio às comemorações de seu centenário.

²¹ MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 20.

²² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago. *Entre saias de pregas e calças compridas: a co-educação no Colégio Coração de Jesus (1971-1978)*. 2010. TCC (Graduação em História), UDESC, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000F/00000FB8.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In: *Revista Estudos Históricos*, vol.11, n. 21, p. 09-34, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em Causas Miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CHEREM, Rosangela Miranda. “Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina”. In: BRANCHER, Ana. AREND, Sílvia Maria Fávero (Orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001, p. 297-344.

CUNHA, Maria Teresa Santos. “Diários Pessoais: Territórios abertos para a História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 251-279.

ELIAS, Norbert. *Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª edição: Curitiba, Ed. Positivo, 2010.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HEINZ, Flávio Madureira (Org.). *Por uma outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Informe Especial. *O Estado*, Florianópolis, 11 jun. 1988, Caderno Informe Especial, p. 21-22.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Sobre coisas de outros tempos: rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na Página de Educação”. In: *História da Educação*, v. 14, n. 30, p. 81-99, Pelotas, Jan./Abr. 2010.



Ana Luíza Mello Santiago de Andrade - Memórias por escrito:
as crônicas de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus em seu centenário

MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

SCHMIDT, Benito. “Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos”. In: *Revista Estudos Históricos*, vol. 10, n. 19, p. 03-21, Rio de Janeiro, jul. 1997, p. 04. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

Recebido em 30 de maio de 2013.

Aceito para publicação em 04 de junho de 2013.

